

**SOBRE A SEMÂNTICA DE *POUCO* E *UM POUCO****ON THE SEMANTICS OF POUCO 'FEW/LITTLE' AND UM POUCO 'A FEW/LITTLE'*Luisandro Mendes de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho discute a interpretação das expressões ‘pouco’ e ‘um pouco’ a partir de uma abordagem referencial do significado (CHIERCHIA, 2003; entre outros). Primeiramente, busca-se descrever o seu comportamento sintático-semântico. A partir disso, investiga-se a semântica apropriada a ser atribuída à ‘pouco’, que opera tanto sobre o domínio dos indivíduos quanto sobre o domínio gradual. Apesar dessa diferença, há uma operação mais geral que esse tipo de modificador exerce (GUIMARÃES, 2007). Propor-se-á uma semântica para ‘pouco’ que incorpore os dois aspectos já apontados na literatura: o julgamento de valor, e a intuição de que ele significa algo como ‘menos do que o padrão contextual’. Para ‘um pouco’ advoga-se uma abordagem composicional.

**PALAVRAS-CHAVE:** semântica formal; quantificadores; intensificadores.

**ABSTRACT:** this paper discusses the interpretation of expressions ‘pouco’ (‘few’) and ‘um pouco’ (‘a few/little’) from a referential approach of meaning (CHIERCHIA, 2003; among others). First, we aim to describe their syntactic and semantic behavior. After that, we search for the appropriate semantics to be attributed to ‘pouco’, which operates both on the domain of individuals and on the degree domain. In spite of this, there is a general operation that this modifier does (GUIMARÃES, 2007). We propose a semantics for ‘pouco’ which incorporates two aspects already seen in the literature: the value judgment, and the intuition that it means something like ‘less than a contextual standard’. To ‘um pouco’ we advocate a compositional approach.

**KEY-WORDS:** formal semantics; quantifiers; intensifiers.

**INTRODUÇÃO**

Oswald Ducrot (1977) em um texto clássico da abordagem argumentativa explora as diferenças semânticas entre as expressões *pouco* e *um pouco*. Mostrarei que essas diferenças podem ser explicadas através da perspectiva da semântica referencial. O objetivo principal deste artigo não é negar a validade da proposta argumentativa de

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). [mendesouza21@gmail.com](mailto:mendesouza21@gmail.com)

Ducrot, mas mostrar que a sua descrição é capturada pelas ferramentas da semântica de modelos. A primeira seção do artigo cumpre essa função.

Na seção 1.2, apontarei alguns problemas com os quais Ducrot não se deparou, e até onde sabemos, ninguém ainda apontou. São questões que somente poderiam ser formuladas a partir da perspectiva que assumimos. Veremos que as respostas para essas questões são tanto semânticas quanto sintáticas, ajudando-nos a entender a diferença entre essas expressões tão pouco estudadas.

Na segunda seção discutimos alguns aspectos em que *pouco/muito* se assemelham aos quantificadores *todo/algum*.

## 1 OS DADOS E O PROBLEMA BÁSICO

Ducrot (1977) levantou o seguinte conjunto de fatos no seu estudo do contraste entre *pouco* e *um pouco*. Obviamente que o seu texto lidava com as expressões francesas *peu* e *un peu*, mas como notam os tradutores de “Dizer, não dizer”, na época não havia estudos sobre essas expressões em português e se assumiu que a equivalência poderia ser assumida sem grandes problemas.

Na descrição de Otto Jespersen, *pouco* indica quantidade inferior a *um pouco*; Para Ducrot, tal abordagem é insuficiente. Entre parênteses, abaixo das sentenças, temos as respectivas paráfrases atribuídas pelo autor às sentenças (1a-b) a partir do que ele chama de ‘abordagem quantitativa’ da diferença semântica entre as expressões.

(1a) Ele bebeu pouco vinho.

“Ele bebeu vinho e vinho em pequena quantidade.”

(1b) Ele bebeu um pouco de vinho.

“Ele bebeu vinho, mas uma quantidade pequena.”

Primeiro problema que vemos com as paráfrases é o fato de que elas são sinônimas, logo, não nos dizem muita coisa sobre o que as expressões de fato significam. Veja que as conjunções *e* e *mas* possuem a mesma semântica, embora possa se argumentar, como o próprio Ducrot fez em outro lugar no mesmo livro, que no discurso (ou no que ele chama de nível retórico) essas conjunções atuem diferentemente. Podemos provar que esse é o caso afirmando a primeira e negando a segunda, resultando em uma contradição.



Começemos por discutir os pares de exemplos apresentados abaixo em (5) e (6).

(5a) Parece que ele está se tornando sóbrio: bebeu pouco vinho ontem.

(5b) Parece que ele está se tornando menos sóbrio: bebeu um pouco de vinho ontem.

(6a) #Parece que ele está se tornando sóbrio: bebeu um pouco de vinho.

(6b) #Parece que ele está se tornando menos sóbrio: bebeu pouco vinho.

Por que o contraste? Para Ducrot o contraste não pode ser explicado pelo esquema em (3), pois ele distingue os termos relevantes apenas em função da ‘quantidade’. Acreditamos que a diferença não é simplesmente de ‘quantidade’, e Ducrot tem razão nesse ponto; a diferença, essencialmente, tem a ver com os limites que cada item impõe na escala relevante dada pelo predicado. Contrastemos primeiramente os exemplos (5a) e (6a). Os predicados *se tornar sóbrio* e *beber pouco vinho* são semanticamente compatíveis, o que não acontece em (6a). Se de fato *um pouco* não apresenta um limite máximo, afirmar que alguém bebeu um pouco de vinho não exclui a possibilidade de que a pessoa tenha bebido muito vinho, o que é incompatível com o predicado *se tornar sóbrio*. Na mesma direção é a análise do contraste entre (5b) e (6b). O leitor deve notar que o segundo par de sentenças é quase uma imagem espelhada das sentenças em (a). O predicado *se tornar menos sóbrio* significa que o sujeito está bebendo mais, o que é compatível com *beber um pouco* que não estabelece um limite máximo. Usar a expressão *beber pouco* com *se tornar menos sóbrio* é como colocar um limite máximo na quantidade de bebida consumida, e estabelecer que essa quantidade é pequena, em relação a um dado padrão contextual. Apelar para uma abordagem referencial nos parece mais intuitivo e simples.

Vejamos agora outro exemplo interessante. Suponha que eu tenha muito dinheiro no bolso e diga (7a) ou (7b). Nesse caso, (7a) será falsa, e (7b) verdadeira. Esse tipo de julgamento é possibilitado porque *pouco* fecha a escala e impede que façamos inferências para cima. *Um pouco*, por sua vez, é monotônico crescente, permite que façamos inferências para cima. Ter um pouco de dinheiro não exclui a possibilidade de que eu tenha muito.

(7a) Tenho pouco dinheiro no bolso.

-/-> Tenho muito dinheiro.

(7b) Tenho um pouco de dinheiro no bolso.

→ É possível que eu tenha muito dinheiro.

O terceiro caso importante surge quando as expressões estão sob o escopo de um operador de condição (8) ou necessidade (9), construções que têm sido tratadas na literatura sobre modalidade de forma similar.<sup>2</sup> Aqui, princípios conversacionais (como a Máxima de Quantidade) devem estar em jogo também, já que claramente estamos lidando com inferências que não são lógicas, embora sejam feitas a partir da denotação dos termos.

(7a) Se eu tiver um pouco de tempo livre, farei esta viagem.

(7b) #Se eu tiver pouco tempo livre, farei essa viagem.

(8a) Foi necessário um pouco de tempo para que ele refutasse o teorema de Gödel.

= foi necessário bastante tempo.

(8b) Foi necessário pouco tempo para que ele refutasse o teorema de Gödel.

= foi fácil.

Mesmo que o verbo *viajar* implique que seja preciso algum tempo para fazer isso, não é necessário que se especifique isso na denotação do verbo, senão todo verbo de evento precisaria ter essa especificação na sua denotação. Assim, a anomalia de (7b) tem a ver com o fato de que eventos tomam certo tempo, e por conhecimento de mundo sabemos que viajar toma uma quantidade razoável de tempo.

Apesar de envolverem um operador de modalidade, os exemplos em (8) estão mais relacionados com os de (9-10). Os padrões de inferência são os mesmos. A pergunta é: que tipo de inferência é essa? Na sua discussão desses exemplos, Ducrot assume que essa inferência pode ser explicada através da noção de Litotes.<sup>3</sup> Em comum, esses casos envolvem um efeito de negação de *pouco* e um efeito de reforço ou intensificação de *um pouco*.

(9a) Este livro é pouco interessante.

Implicatura = não é interessante.

(9b) Este livro é um pouco interessante.

Implicatura = e talvez muito interessante.

---

<sup>2</sup> Essencialmente, operadores modais de possibilidade e necessidade são tratados como quantificadores sobre mundos possíveis. Operadores de possibilidade envolvem quantificação existencial sobre mundos, e operadores de necessidade quantificação universal.

<sup>3</sup> Litote é um conceito utilizado no seu paradigma para dar conta de enunciados que produzem um efeito de negação; uma espécie de estratégia retórica para diminuir a rudeza de uma afirmação do tipo o livro não é interessante no caso de (9a).

(10a) Pedro está um pouco atrasado hoje.  
Implicatura = É habitualmente pontual.

(10b) Pedro está pouco atrasado hoje.  
Implicatura = É habitualmente atrasado.

Como as inferências são sistemáticas, elas devem ser Implicaturas Convencionais. Assumiremos isso sem argumentação (Grice, 1967; Levinson, 2007).

Vejamos agora o contraste final. Para Ducrot (12a-b) são sinônimas, mas (13a-b) não são. Sua intuição está correta, já que afirmar (11a) e negar (11b) produz a sensação de contradição (cf. 14). Mesmo não sendo exatamente sinônimas, quando se nega a segunda as situações se excluem, como se não fosse possível ter um pouco de trabalho e não trabalhar um pouco. Já com (13) a situação é diferente, parece ser o caso de se ter pouco trabalho e não se trabalhar pouco. O que quer que *trabalho* e *trabalhar* signifiquem, as expressões parecem medir alguma quantidade de tarefas no caso da primeira e o tempo de trabalho na segunda. Assim, *trabalhar pouco*, ou *trabalhar um pouco* significam ‘trabalhar pouco/um pouco de tempo’. Logo, pode-se ter pouco trabalho e não se trabalhar pouco, mas não se pode ter um pouco de trabalho e não se trabalhar um pouco. Chamemos esse problema de “Contradição do Preguiçoso”. A negação sobre as expressões inverte a escala: “não um pouco = nada” e “não pouco = muito” (voltaremos a isso adiante). Assim, as diferenças entre os pares não podem ser atribuídas às expressões em discussão nesse artigo e sim, mais propriamente, às diferentes dimensões que as expressões medem. No caso da forma verbal a dimensão medida é de horas de trabalho ou quantidade de eventos mínimos de trabalho, enquanto que o nome *trabalho*, assim, como os nomes em geral, é medido por unidades contáveis (nomes comuns, na sua maioria) ou abstratas (nomes abstratos).<sup>4</sup>

(12a) Eu te peço um pouco de trabalho.  
(12b) Eu te peço trabalhar um pouco.

(13a) Eu te peço pouco trabalho.  
(13b) Eu te peço trabalhar pouco.

(14a) #Eu te peço um pouco de trabalho, mas te peço não trabalhar um pouco.  
(14b) Eu te peço pouco trabalho, mas não te peço trabalhar pouco.

---

<sup>4</sup> Sobre escalas de medição e a denotação dos nomes ver Pires de Oliveira e Souza (2013).

Desse conjunto de dados tiramos o seguinte conjunto de problemas, considerando que temos estabelecido que *um pouco* e *pouco* não são sinônimos:

- a) a diferença semântica entre as expressões: *pouco* fecha a escala em um ponto próximo a zero e desativa inferências para cima; *um pouco* fecha a escala em um ponto qualquer, desativa inferências para baixo na escala e permite inferências para cima;
- b) as implicaturas: por que elas são disparadas com predicados de gosto pessoal como *interessante* e não com predicados escalares como *alto*? E o que dispara a implicatura, afinal de contas? As implicaturas podem ser explicadas pela semântica básica das expressões, já que *pouco interessante* de alguma forma acarreta que o grau em que o objeto apresenta a propriedade possa ser nenhum; e *um pouco interessante* exclui que o grau possa ser zero e acarreta a possibilidade de pelo menos um grau mínimo qualquer. Assim, as inferências são previsíveis da denotação das expressões. O que pode explicar porque com adjetivos que denotam dimensões, como *alto*, bloqueiam a implicatura. Afirmar de um indivíduo que ele possui a propriedade ‘altura’ é afirmar que ele a possui pelo menos em algum grau, o que torna incongruente (na falta de expressão melhor) inferir de *Tyrion é pouco alto*, que o indivíduo seja baixo.

Todos os casos relevantes discutidos por Ducrot podem ser explicados via (a) e o esquema proposto em (3’). Os exemplos interessantes semanticamente são de fato o disparo de implicaturas e a Contradição do Preguiçoso.

### 1.3 Outros contrastes encontrados

Também temos contraste no uso como diferencial. Diferenciais são expressões que modificam a distância entre os intervalos em que os indivíduos exibem uma propriedade gradual. No exemplo (15) *muito* modifica a distância entre o grau em que Sandor Clegane exibe a propriedade ‘ser alto’ e o grau em que Tyrion exibe a propriedade ‘ser alto’. *Pouco* e *um pouco* contrastam nesse ambiente, pois o primeiro

não pode aparecer nessa posição. (16b) me soa interpretável, mas não é português coloquial como (15a) é.

(15) Sandor Clegane é *muito* mais alto que Tyrion.

(16a) Jon é um pouco mais alto que Robb.

(16b) #Jon é pouco mais alto que Robb.

O uso como determinantes também apresenta alguns fatos importantes. Pires de Oliveira e Rothstein (2011) sugerem que *um pouco* seja um candidato a determinante que seleciona nomes massivos. Aqui (17-18) *pouco* e *um pouco* se comportam da mesma forma. (18b) requer uma entonação particular para ser aceitável.

(17a) Quero um pouco de vinho.

(17b) Quero pouco vinho.

(18a) Quero um pouco mais de vinho.

(18b) Quero pouco mais vinho.

Com nomes contáveis *um pouco* só é aceitável se o nome estiver no plural, embora aqui a restrição seja imposta pelo partitivo. A restrição do partitivo especifica que essas expressões só se combinam com sintagmas nominais definidos (Jackendoff, 1977). Pires de Oliveira e Rothstein provavelmente diriam que (19b) é gramatical, dado que não veem problema algum com (20). Se (19b) é gramatical, então o problema desaparece e *um pouco* e *pouco* não fazem distinção entre massa e contável, como elas sugerem, a menos que o partitivo seja uma espécie de ‘grinder’ (ou triturador, *i.e.*, um operador que torna nomes contáveis em massivos), o que suponho que elas não gostariam de dizer.

(19a) Tem pouca menina na festa.

(19b) \*Tem um pouco de menina na festa.

(20) João guardou um pouco de livro no armário.

Apenas *pouco* se combina com nomes plurais contáveis. *Um pouco* só modifica definidos. O que pode ser explicado novamente pela restrição do partitivo.

(21a) Rick matou poucos zumbis.

(21b) \*Rick matou um pouco de zumbis.

(21c) Rick matou um pouco dos zumbis.

Quanto a sofrer modificação de outros intensificadores o contraste é claro. Mas apenas *muito* e *bem* podem modificar *pouco*, outros intensificadores são banidos, como *demais*, *bastante*, *um monte*, etc.

(22a) Muito/bem poucos alunos foram bem na prova.

(22b) #Ele bebeu muito/bem um pouco de vinho.

(22c) \*Bastante/demais/um monte poucos alunos foram bem na prova.

As expressões também contrastam quando à possibilidade de ser usadas como predicados. Suponha o seguinte contexto: a quantidade de docinhos comprada para a festa de aniversário foi menor do que a desejável em relação ao número de convidados. Nesse cenário (23a) é um proferimento adequado, enquanto (23b) não.

(23a) Isso vai ser pouco.

(23b) #Isso vai ser um pouco.

#### 1.4 Resumo intermediário

O conjunto dos problemas pode ter resumido na tabela 1 abaixo:

**Tabela 1 - Problemas**

Contexto	Um pouco	Pouco
Dispara implicatura com predicados graduais	Ok	ok
Gera a Contradição do Preguiçoso	Ok	*
Uso como diferencial	Ok	*
Det de um nome massivo	Ok	ok
Combinação com o <i>mais</i> -conjunção	Ok	*
Det de nome contável singular	Ok	ok
Det de nome contável plural	Ok	ok
Combinação com <i>muito</i> e <i>bem</i>	*	ok
Uso como predicado	*	ok

Além dos problemas listados acima, temos o problema dos modificadores: por que só *muito* e *bem* podem modificar *pouco*? Outra questão que merece um olhar mais cuidadoso é a hipótese levantada por Pires de Oliveira e Rothstein (2011), que afirmam que *um pouco* seleciona nomes massivos. Na proposta delas o contável singular em PB denota sempre espécie e a raiz é um nome de massa. Vimos que *um pouco* não modifica plurais contáveis nus, a menos que esse nome seja definido.

A única restrição sobre o predicado que as expressões modificam é aquela usual para modificadores graduais, a Restrição de Monotonicidade: expressões de medição só podem modificar predicados com estrutura interna (SCHWARZSCHILD, 2002; NAKANISHI, 2007). O que explica que predicados singulares, como os achievements, gerem sentenças degradadas, como atesta (24).

(24) #A bomba explodiu pouco/um pouco.

## 2 ALGUMAS COMPARAÇÕES

### 2.1. *Pouco/muito* e outros quantificadores

Guimarães (2007) compara *muito* e *pouco* com os quantificadores padrão, como *todos* e *alguns*, utilizando o quadrado das oposições de Aristóteles<sup>5</sup>.

(A) *Todos os As são Bs.*

(E) *Nenhum A é B.*

(I) *Alguns As são Bs.*

(O) *Alguns As não são Bs.*

Vejam os exemplos para ilustrar o quadro.

a) a relação A e E: (25a) e (25b) são ditas contrárias porque (25a) faz uma declaração afirmativa enquanto (25b) faz uma declaração negativa (diferença qualitativa).

(25a) Todos os cachorros são ferozes.

(25b) Nenhum cachorro é feroz.

b) a relação I e E (26a-b); A e O (27a-b): os pares se contradizem. (a diferença é qualitativa e quantitativa).

(26a) Alguns cachorros são ferozes.

(26b) Nenhum cachorro é feroz.

(27a) Todos os cachorros são ferozes.

(27b) Alguns cachorros não são ferozes.

c) I e O: subcontrárias, diferem apenas na qualidade.

<sup>5</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Quadrado\\_das\\_oposições](http://pt.wikipedia.org/wiki/Quadrado_das_oposições)



(28a) Alguns cachorros são ferozes.

(28b) Alguns cachorros não são ferozes.

d) A e I, e E e O são alternadas: diferença quantitativa, a quantificação sobre o domínio dos indivíduos.

(29a) Todos os cachorros são ferozes.

(29b) Alguns cachorros são ferozes.

(30a) Nenhum cachorro é feroz.

(30b) Alguns cachorros não são ferozes.

A partir desse quadro, Aristóteles propôs as seguintes leis:

i) Lei das contrárias: duas proposições contrárias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo;

ii) Lei das contraditórias: duas proposições contraditórias não podem ser nem verdadeiras nem falsas ao mesmo tempo;

iii) Lei das subcontrárias: duas proposições subcontrárias não podem ser ambas falsas ao mesmo tempo.

Aplicando-se o mesmo esquema ao que Guimarães (2007) chamou de “quantificadores de julgamento de valor”, o resultado é diverso.

(A) Muitos cachorros são ferozes.

(E) Não muitos cachorros são ferozes.

(I) Poucos cachorros são ferozes.

(O) Poucos cachorros não são ferozes.

a) A e E: contrárias

b) I e O: subcontrárias

c) I e E e O e A: deveriam ser contraditórias, mas não são. (E) acarreta (I), o mesmo vale para (A) e (O), na verdade, são sinônimas.

d) A e I e E e O: alternadas, as diferenças quantitativas são as mesmas para (A) e (I), de um lado e (E) e (O) de outro.

A diferença essencial, então, é em (c). *Muitos* não acarreta *poucos*, como *todos* acarreta *alguns*. Nesse aspecto, muito e pouco se aproximam de adjetivos polares.

## 2.2. pouco/muito e outros predicados relativos

Como os adjetivos relativos, as expressões discutidas aqui compartilham as seguintes características: a) são polares; c) são dependentes do contexto.

a) polaridade: a polaridade pode ser entendida como um fenômeno que envolve escolher entre duas perspectivas que não são necessariamente contraditórias.

(31a) João é alto/baixo.

(31b) Muitos/poucos cachorros são ferozes.

b) dependem de contexto:

(32a) João é alto/baixo (para um jogador de vôlei).

(32b) O livro é pouco/muito interessante (para um trabalho linguístico).

Apesar de termos visto que *muito/pouco* podem ser usados como predicados, esse uso não é passível de ser encaixado em estrutura de comparação canônica:

(33) \*Isso é mais muito/pouco do que precisamos.

### 2.3 Resumo intermediário

O que podemos concluir da discussão.

a) *muito/pouco* possuem propriedades semânticas distintas dos quantificadores tradicionais;

b) possuem propriedades parecidas com as dos adjetivos relativos: polaridade e dependência contextual.

Barwise & Cooper apresentam uma comparação mais detalhada das propriedades desses dois tipos de quantificadores. Ainda preciso olhar com cuidado para o estudo deles. Principalmente: a) quantificadores fortes/fracos; b) conservatividade; c) interação de escopo.

## 3 COMPARAÇÃO COM O INGLÊS

A literatura em língua inglesa sobre o *many/few* foca apenas nas leituras cardinais dessas expressões (B&C, 1981; Parte, 1989). O ‘esquecimento’ das suas contrapartes não-contáveis, *much/little*, creio, implica assumir que esses dois pares de expressões são diferentes. Talvez sejam, mas por ora vamos supor que não, que possamos tratá-los de forma idêntica.

Barwise & Cooper (1981): não são quantificadores lógicos, são determinantes fracos, e em alguns testes não se decidem se eles exibem propriedades como ‘persistência’ e ‘intersecção’, comuns aos quantificadores clássicos.

Keenan & Stavi (1986): *many*, (*a*) *few* não podem ser definidos extensionalmente (quicá intencionalmente) e excluem esses determinantes do conjunto dos quantificadores tratados naquele trabalho.

Partee (1989): defende que *many* é ambíguo entre uma leitura cardinal e proporcional. *Few* também seria?

(34) Muitas mulheres são linguistas.

(34')  $|\text{mulheres} \cap \text{linguistas}| > n$

*A cardinalidade da intersecção entre o conjunto das mulheres e o conjunto dos linguistas é maior do que um valor contextual n qualquer.*

(34'')  $\frac{|\text{mulheres} \cap \text{linguistas}|}{|\text{mulheres}|} > n$

*A cardinalidade da intersecção entre o conjuntos das mulheres, em relação ao conjunto total das mulheres, é maior do que um valor contextual n qualquer.*

- (34') pode ser verificada apenas em relação ao número relativo de mulheres linguistas, digamos, em relação ao número de homens linguistas. Como há mais mulheres do que homens linguistas (34') é verdadeira nessa situação.

- (34'') descreve um estado de coisas em que a cardinalidade do conjunto das mulheres linguistas é avaliado em relação ao universo das mulheres em geral. Intuitivamente eu diria que nesse caso (34'') não captura a interpretação intuitiva de (34), mas como o aspecto subjetivo é forte nessas construções, alguém poderia dizer que

(34'') poderia ser o caso, supondo que em relação ao universo das mulheres em geral, muitas delas são linguistas.

Para Partee, não há como mostrar que as duas leituras não verifuncionalmente distintas, assim busca outras evidências de que a ambiguidade seja linguisticamente relevante. Aparentemente há algumas. Apliquemos os testes ao português.

Tabela 2

	<b>P. Forte</b>	<b>Fraco</b>	<b>Cardinal</b>	<b>Intersecção</b>	<b>Monotônico</b>	<b>Persistente</b>
<i>many</i> <sub>card</sub>	-	+	+	+	+	+
<i>many</i> <sub>prop</sub>	+	-	-	-	+	-

i) Positivamente forte: tem que ser tautológica.

(35) Muitos livros são livros.            ?

ii) Positivamente fraco: Tem que ser contingente.

(36) Muitos livros são livros.            ?

iii) Cardinal

(37) Muitos livros são amarelos sse  $|\text{livro} \cap \text{amarelo}| \in \mathbb{N}$ , para algum conjunto  $\mathbb{N}$  de números cardinais.

iv) Intersecção: B&C discordam nesse aspecto, não têm certeza dos julgamentos, Partee sim.

(38) Muitos linguistas são mulheres sse muitas mulheres linguistas são mulheres.

Cardinal: ok                      proporcional: X

(39) Muitos linguistas são mulheres sse muitas mulheres são linguistas.

Cardinal: ok                      proporcional: X

(40) Muitos linguistas são mulheres sse há muitas mulheres linguistas.



Cardinal: ok                    proporcional: X

v) Monotonicidade: ok nas duas leituras.

(41a) Muitos homens saíram antes das onze horas.

(41b) Muitos homens saíram antes da meia noite.

vi) Persistente

(42a) Muitos linguistas gostam de gramática. →

(42b) Muitas pessoas gostam de gramática.

Cardinal: ok                    proporcional: X

Problemas: intuitivamente é difícil separar as duas leituras, elas são opções teóricas ou linguísticas; ela mesmo reconhece que a leitura proporcional pode ser capturada pela leitura cardinal. Se acreditamos que a argumentação dela está correta, não deveríamos ser capazes de criar uma situação que falsificasse uma leitura?

Guimarães (2007: 155) apresenta o seguinte conjunto de dados do inglês, comparando os usos de *muito* com os equivalentes naquela língua.

(43a) Eu conheço muitos estudantes de Santa Catarina.

(43b) I know many students from Santa Catarina.

(44a) A gente bebe muito vinho na casa do Paulo.

(44b) One drinks much wine at Paul's house.

(45a) Ele está muito triste com os resultados.

(45b) He is very sad with the results.

(46a) Ele trabalhou muito.

(46b) He worked a lot.

(47a) Ele se sentou muito tranquilamente.

(47b) He sat very calmly.

(48a) Isso é muito pra mim.

(48b) That's too much for me.

(49a) Ele falou muito sobre esse assunto.

(49b) He talked much about this subject.

Desse conjunto de dados temos as seguintes questões:

i) o fato de que em inglês temos itens lexicais diferentes pode ser evidência de que os diferentes usos de *muito/pouco* não são semanticamente idênticos?

ii) por outro lado, o fato de no português temos duas expressões que exercem diferentes tipos de modificação não poderia ser razão suficiente para se buscar um tratamento unificado?

Guimarães nota que na literatura sobre o inglês, justamente pelos termos serem diferentes, eles são discutidos separadamente. As expressões *much/little* com os nomes de massa são totalmente ignoradas, bem como a relação de *few/little* com a *few/a little*.

#### 4 PROPOSTAS DE ANÁLISE

Algumas propostas da literatura:

- Klein (1981):

$$[[\text{muito}]] = |P| > n$$

- Partee (1989): considera duas opções, que em tese capturariam as diferenças que ela aponta.

a) são predicados relativos (como adjetivos), implica a existência de um determinante nulo:

$$[[\text{muito}]] = \{x: \text{aqueles } x \text{ que contam como muito no contexto de proferimento}\} = P(x,d)$$

Onde  $d$  é um valor suprido contextualmente.

b) quantificadores generalizados indefinidos (no espírito de Heim e Kamp):

$$[[\text{muito}]] = P(x) \ \& \ Q(x) \ \& \ \mu(x) > n \quad (\mu: \text{esquema de media, cardinalidade, volume, etc.})$$

- Guimarães: *muito* e *pouco* são quantificadores em português, pretende capturar todos os usos, mas não dá uma semântica clara que cumpra esse objetivo, deixando a tarefa para trabalhos futuros.

Minha hipótese:



- a) tratar as expressões como predicados de primeira ordem, não de segunda (como os quantificadores tradicionais são tratados) (Kamp, 1975; Klein, 1980);

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, dados os problemas, uma semântica para as expressões *pouco* e *um pouco* precisa levar em conta as seguintes questões:

a) *pouco* e *muito* são quantificadores? Se são, de que tipo? E se não são, o que são?

b) poderia se analisar *um pouco* composicionalmente, isto é, é a soma do significado de *um* e *pouco*? Parece ser esse o caso, já que temos coisas como *um monte*, *um bocado*, *um tanto*, etc.

c) de que modo a semântica atribuída explicaria os problemas elencados na tabela 1?

d) como formalizar a descrição apresentada em (3')?

Essas questões irão nortear nossos trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

BARWISE, J.; COOPER, R. Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy* 4, 1981, p. 159-219.

DUCROT, Oswald. “Pouco” e “um pouco”. In: \_\_\_\_\_. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix. 1977. p. 202-231.

GUIMARÃES, Márcio Renato. *Dos intensificadores como quantificadores: os âmbitos de expressão da quantificação no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística). UFPR, Curitiba, 2007.

JACKENDOFF, Ray. *X-bar syntax*. Cambridge: MIT Press, 1977.

KAMP, Hans. Two theories about adjectives. In: KEENAN, E. L. (org.). *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. p. 123-155.

KEENAN, Edward L.; STAVI, Jonathan. A semantic characterization of natural language determiners. *Linguistics and Philosophy* 9, 1986, p. 253—326.

KLEIN, Ewan. The interpretation of adjectival, nominal and adverbial comparatives. In: GROENENDIJK, J. A. G.; JANSSEN, T. M. V; STOKHOF, M. B. J. (orgs.). *Formal*



*Methods in the Study of Language*. Amsterdam: Matematisch Centrum, 1981. p. 381-399.

LEVINSON, Stephen. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NAKANISHI, Kimiko. Measurement in the nominal and verbal domains. *Linguistics and Philosophy*, n. 30, 2007, p. 235-276.

PARTEE, Barbara H. Many quantifiers. In: PARTEE, B. *Compositionality in formal semantics*. Oxford: Blackhill, 2004. p. 241-58.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; ROTHSTEIN, Susan. Bare singular nouns are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, 121, 2011, p. 2153-2175.

SCHWARZSCHILD, Roger. Grammar of Measurement. *Proceedings of SALT XII*, 2002, p. 222-245.

Data de recebimento: 31/03/2015

Data de aprovação: 17/05/2016